

Resenha de: Aspectos do Novo Radicalismo de Direita (T. W. Adorno)

Everton Grieson
Benito Maeso

No epílogo da peça: “A Resistível Ascensão de Arturo Ui” (1941) Bertold Brecht esclarece diante da reverberação do nazismo: “Vocês, porém, aprendam como se vê em vez de olhar fixo, e como agir em vez de falar e falar. Uma coisa dessas chegou quase a governar o mundo! Os povos conseguiram dominá-lo, porém, que ninguém saia por aí triunfando precipitadamente - é fértil ainda o colo que o criou” (BRECHT, 1992, p. 213). Entre as possibilidades de reflexão a partir da elaboração brechtiniana de que “a cadela do fascismo está sempre no cio” está a ideia de um problema próprio de origem, do movimento geracional, que fundamenta processos e procedimentos retroalimentados, que ao se tornarem fato histórico, impulso cultural, ocorrência ideológica e, portanto, acontecimento político, alteram a vida das pessoas e a sociedade, sem ter um fim que possa ser previsto. Desta maneira, trata-se de um vir-a-ser, que por certo tempo se aquieta como uma lagarta envolta em seu casulo, mas nos momentos mais propícios aos seus determinantes, eclode com força renovada e certa aparência juvenil.

Esse reaparecimento ocorre em consonância com a complexidade do capitalismo, alimentado por momentos de crises e problemas de representatividade, do aparecimento de “salvadores da pátria” com projetos para superação de grandes dificuldades econômicas, superação da burocratização de tipo kafkiana, defendendo padronização de valores culturais e armados, no mais literal do termo, de um radicalismo muito pitoresco, diante do recrudescimento dos problemas sociais e de amplos canais de propaganda fascista, que exigem algo novo para a crise latente. A partir disso, os heróis se assumem como figuras mágicas, possuidoras das chaves que abrem as portas do “progresso” esperado.

Ocorre uma espécie de “cozimento social” que vai sendo gestado a fogo brando, com o intuito de ser mais facilmente digerido por uma parcela significativa das pessoas, emparedadas com as agruras das crises, para que não consigam ver outra saída, além a de abraçar o radicalismo em prol de uma melhoria futura.

Um dos pilares fundamentais que começam a se demonstrar é que tudo isso resulta de um amplo projeto reflexivo. Na esteira dos pensadores da Teoria Crítica, o fascismo representa um certo empreendimento de desvio do projeto originário da racionalidade moderna, o qual buscava a esclarecimento dos sujeitos. Enquanto definição, ele é exatamente o resultado previsível, por mais que essa previsibilidade seja chocante em todos os sentidos, da “verdade na sociedade moderna”.

A racionalidade moderna instrumentalizada assina esta imensa obra de trituração humana, a qual define o biotipo do inimigo, dispõe a classificação na identificação dos sujeitos, limpando o caminho para



lhes arrastar às mais distintas valas comuns, que continuam sepultando aqueles que são vistos como os diferentes. Trata-se de um cenário dantesco de negação das formas de existências.

Essas reflexões assumem certo tom de “catastrofismo”, mas não são traídas pelo suposto axioma de que o “pior já aconteceu”, pois o pior está na origem e permanência das “fábricas da morte”, atualizadas a partir do imenso poderio técnico e tecnológico disponíveis. A presença e permanência em um sentido psicanalítico de pulsões violentas, em uma chave de leitura da eterna possibilidade do mesmo, afrontam a razão não instrumentalizada desafiando a todos, para a necessidade de um amplo processo de resistência contra os genocidas e suas “genocídices”.

Nessa linha de resistência que se insere a conferência de Theodor Adorno: “Aspectos do Novo Radicalismo de Direita”, traduzida por Felipe Catalani e inserida na coleção de obras de Adorno, publicada pela editora Unesp. A proposta da coleção é traduzir as obras mais importantes do filósofo, ainda inéditas em português e retraduzir alguns textos, dadas as necessidades dos padrões de textos acadêmicos na atualidade.

Esta edição possui uma introdução à coleção, que se repete em todos os volumes, e é assinada por Eduardo Socha, Jorge de Almeida, Ricardo Barbosa, Rodrigo Duarte e Vladimir Safatle, componentes da comissão editorial e referências nos estudos adornianos. O texto de Adorno é precedido de uma elucidativa apresentação assinada pelo tradutor Felipe Catalani com o título: “Depois da meia-noite no século: Adorno e as análises do fascismo”. Ao final do texto de Adorno há uma nota editorial e um posfácio à edição alemã escrito por Volker Weib.

Este texto de Adorno, em verdade, é uma conferência proferida em 06 de abril de 1967, na Universidade de Viena, a convite da União dos Estudantes Socialistas, que permaneceu gravada em áudio e quase desconhecida de seu público leitor. Nesta fala Adorno se baseou em sete páginas de notas e palavras-chave escritas à mão, que foram preservadas em seu espólio.

Adorno era reticente quanto a transcrição de falas públicas, pois este processo de passagem da palavra falada para a palavra escrita traía fatalmente a espontaneidade das ideias proferidas, além de representar uma faceta do mundo administrado, no qual tudo passa a ser registrado, inclusive as falas efêmeras, enquadradas em uma dinâmica de preservação massificada que vai tornando todo tipo de elaboração um produto a ser consumido.

Mesmo após cinquenta anos de sua produção, este texto reverbera de modo muito particular no interior das reflexões adornianas. Permanece com uma atualidade intensa, colaborando na compreensão dos desdobramentos do radicalismo de direita, que ocorre em boa parte dos países pelo mundo, especialmente na América e no Brasil.

Este radicalismo, como havia sido discutido por Adorno e Max Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* (1947), não é obra do acaso, mas a “[...] verdade maior da história moderna e das tendências imanentes ao desenvolvimento capitalista [...]” (p. 13), como aponta Catalani na apresentação à conferência.

O ponto de partida de Adorno, na fala para os estudantes de Viena é que a verdade da história moderna, pensada como permanência do radicalismo, reforça raízes devido ao “[...] fato de que os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram” (p.45). Esta ideia, que já estava na conferência: *O que significa elaborar o passado* (1959) é mais alarmante ainda, se pensada na atualidade, estabelecidas as diferenças proporcionais de tempo e espaço histórico, pois aponta para o abismo como fato concreto, visto que o extremismo não cai de “balões aleatórios”, pois se constitui a partir das disposições que propiciam sua existência.



Esta localização reverbera a “[...] tendência dominante de concentração do capital[...]” (p. 45), de “burguesias” fixadas em “[...] sua consciência de classe subjetiva e que querem fixar seus privilégios e seu status social, e possivelmente fortalecê-los” (p. 46). Tal estabelecimento é fundamental para delinear o quadro desastroso no qual se encontra o mundo, acelerado pela pandemia de Covid-19 e pelos diferentes governos genocidas, mantidos no poder pela utilidade tática que representam aos mais ricos¹, como é caso do Brasil, país que ultrapassou a marca das 661² mil mortes pelo vírus, como também os problemas gerados mais recentemente, pela guerra da Rússia contra a Ucrânia, que já produziu milhares de mortos e milhões de refugiados.

Este radicalismo não se alimenta apenas dos bolsões privilegiados, que não se preocupam com o preço dos produtos, com a degradação dos recursos naturais, a persistência da fome, mesmo com as condições técnicas existentes para sua total erradicação, com os racionamentos cada vez mais frequentes de água e energia, as péssimas condições do ambiente e do debate público, aumento da violência e da morte como política miliciana de Estado, pois “[...] os apoiadores do velho e do novo fascismo estão hoje espalhados por toda a população”. (p. 48).

E os grupos mais suscetíveis a se tornarem presa fácil a esta distribuição eugenista são “[...] os pequenos comerciantes, que são imediatamente ameaçados pela concentração do comércio de varejo nas lojas de departamento e instituições semelhantes, [...] pequena burguesia, [...] os agricultores” (p. 49), estratos sociais que são ludibriados pela propaganda do progresso extremista, apresentado como o *telos* de superação das crises.

Portanto, há um esquema racional meticuloso de reforço do fascismo, capitaneado por políticas de semiformação (ADORNO, 2010), geradoras de sujeitos com feridas abertas, das promessas e transformações raivosas não realizadas. Ocorre um reforço da personalidade autoritária e as artimanhas utilizadas pela propaganda fascista, para incutir exponencialmente nas pessoas, os desejos fascistas como um compromisso singular e coletivo.

Por mais que as pesquisas de psicologia social revelem um sem-número de determinantes sobre o extremismo, para o filósofo não há causas psicológicas para o fascismo: “[...] falo àqueles que, com razão, são céticos em relação a uma interpretação meramente psicológica de fenômenos sociais e políticos - que esse comportamento de forma alguma é só psicologicamente motivado, ele tem também sua base objetiva” (p. 52).

Esta máquina de moer gente se configura pela lógica da identificação, do morticínio em proporções imensuráveis, sustentada por uma burocratização que colabora no assassinato, sem deixar com clareza a marca de quem é o responsável pelas mortes. Este encobrimento autoral faz soar o alarme para a possibilidade cada vez mais gritante, de uma repetição das catástrofes históricas ocorridas no passado. Tais preocupações estão relacionadas com a percepção das contradições próprias do capitalismo, produtor de movimentos constantes de expansão e lucro.

¹ O filme: *O Parasita* (2019), dirigido por Bong Jo Ho e o filme: *O Poço* (2019), dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia são exemplos, mesmo enquanto produtos da indústria cultural, das “sanguessugas” nos diferentes “andares” sociais, que vivem em função do aumento dos seus lucros e dos seus privilégios, sem pensar no esfacelamento vital daqueles que lhes servem de azulejo, enquanto a água do seu banho quente e aconchegante, viaja pelo esgoto e afoga as existências dos condenados ao esquecimento, nas regiões mais desassistidas das cidades.

² Dados conferidos no site Coronavírus Brasil e divulgados pelo Governo Federal Brasileiro: <https://covid.saude.gov.br/> (Acesso em 11/04/2022, às 16:05).



A partir de uma artimanha ideológica que vai apresentando um “lado bom” de cada tempo, o que pode ser visto, por exemplo, no período de reconstrução alemã entre 1933 a 1939 ou ainda, dos “progressos” científicos conquistados no âmbito da medicina, através de pesquisas sem nenhum princípio ético com os sujeitos submetidos a tratamentos desnecessários, na Alemanha nazista. Ocorre a desconsideração da complexidade das estruturas ideológicas e o preparo evidente de um armamentício, que mina tanto o espaço público como o privado e passa a ser aceito como único caminho viável de reestruturação política, econômica, cultural e social.

E esta preparação é necessária, visto que a fermentação social vem acompanhada de teorias conspiratórias, apontando a iminente ameaça externa do inimigo e, portanto, justificando a necessidade de uma composição prévia para combater de forma originária, as forças que se levantam contra a organização social vigente. A propaganda é fundamental: “[...] uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos [...] A propaganda é genial, [...] ela nivela a diferença, a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados. Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma da coisa” (p. 54)

Ela preserva a objetividade simulada e alimenta um clima de desconfiança constante. Aos poucos, de forma sorrateira, as condições para execução e continuidade do fascismo são incutidas nas pessoas, recebendo reforços constantes das figuras públicas, que se apresentam como os únicos caminhos possíveis para o combate e salvação do inimigo. E desta maneira, “[...] a propaganda constitui, por sua vez, a substância política” (p. 55)

Adorno chama atenção para o cuidado com as políticas de memória e reelaboração do passado, visto que não esquecer do horror dos campos de concentração, das fábricas da morte não garante uma consciência vigilante diante dos novos estratagemas do extremismo. A questão está no princípio próprio da civilização, pois o Holocausto não é a oposição da civilização moderna; pelo contrário, é o seu resultado.

Lidar com este problema e, disso, com a barbárie que se perpetua é o maior desafio, pois uma reconstrução, isto é, um virar a página na linha de uma lógica orçamentária do substituível, não pode colocar em segundo plano a barbárie. Enquanto houver condições sociais objetivas o fascismo se perpetua.

O texto de Adorno se antecipa às análises frequentes, de cientistas políticos e historiadores da década de setenta, que apontavam sobre as contradições preservadas do capitalismo e da crença ficcional em uma pacificação capitalista pós-guerra. Essa ilusão foi reforçada com uma leitura de realidade apocalíptica, um certo desejo de catástrofe gerador de uma concepção de armamento e proteção generalizada, pois a iminência do perigo era cotidiana. Entretanto, não estão em condições melhores aqueles que satirizam esse tipo de posição, pois diante de outras ameaças, as pessoas se protegem emocionalmente dos perigos diários, alardeando necessidades terapêuticas para a manutenção de um certo equilíbrio existencial protecionista.

Em Adorno há uma “constelação ensaística” de pesquisas, as quais se valem da diversidade formativa do autor, além de urgências que são direcionadas para uma *Dialética Negativa* (1966), ao pensar os diferentes desdobramentos da racionalidade ocidental, que se propõe superar os determinantes mitológicos e acaba por recair no mito, lançando uma campanha de salvação, que aplaina a diversidade por intermédio de dinâmicas de identificação.

Desta maneira, as reflexões de Adorno sobre o novo radicalismo de direita atingem o problema, a partir de uma dinâmica de crítica social (filosófica, sociológica e psicológica), com a preservação da negatividade que lhe é característica. Trata-se de uma dialética negativa que carrega a possibilidade de enfrentamento do radicalismo, ao negar qualquer possibilidade de garantia salvacionista para a humanidade. A denúncia do estado de coisas, como a “crítica virulenta” possibilitam o pensamento de resistência, em oposição



ao novo radicalismo de direita. A psicanálise se destaca, visto que ela fornece as chaves para a crítica ao processo de psicologização do conceito de fascismo.

Portanto, a crítica de Adorno descortina a não integração social dos sujeitos e, com isso, a mitologização da existência de uma participação democrática efetiva. A participação liberal não passa de um “canto de sereia”, que condena a maior parte a remar de ouvidos tapados, enquanto uma minoria dominante desfruta do canto, como Adorno e Horkheimer denunciaram na *Dialética do Esclarecimento* (1947). Diante disso, um dos grandes desafios, como sugere um dos últimos estudos de Vladimir Safatle é “dar corpo ao impossível”³.

Essa impossibilidade, ao menos em parte, está relacionada com o complexo de autonomia, isto é, na existência de uma inverossimilhança do sentimento de que movimentos contrários a liberdade fornecem mais liberdade na sua efetivação como, por exemplo, as pessoas que se manifestam em espaços públicos democráticos, solicitando intervenção militar e dissolução de instituições fundamentais para manutenção dos seus direitos. Paradoxalmente é o direito de solicitar o represamento ou a dissolução dos direitos.

Trata-se, na esteira de Adorno, de uma ideologia que preserva um essencialismo de “[...] caráter fragmentado” (p. 66), sem uma teorização formada. Ocorre uma práxis sem conceito, um processo de dominação incondicional, de ódio ao intelectualismo e o medo de que “[...] o inconsciente torne-se consciente e o caráter autoritário formam aqui uma espécie de síndrome”. (p. 68).

Este tipo de comportamento vai se constituindo como um ponto referencial, delineando inclusive a formação da identidade dos mais jovens, ao atribuir-lhes um caminho, uma ideia de concepção de mundo, interpretação da realidade e manutenção de concepções fermentadas no mais típico autoritarismo, militarismo, defesa de armas, crítica a programas sociais e de auxílio aos menos favorecidos, contra políticas de transferência de renda, educação de qualidade para todos, economia mais humanitária e menos predatória e defesa irrestrita da meritocracia, pois se o sujeito possui boas condições de vida social, elas se devem ao mérito exclusivo de suas demonstrações de esforço. Já os que não vivem a mesma realidade são culpados pelas dificuldades diárias. Como se não mudassem suas condições de existência porque não desejam.

Com isso, para Adorno o problema do “[...] radicalismo de direita não é um problema psicológico e ideológico, mas um problema muitíssimo real e político” (p. 76). Claro está, que este radicalismo se preserva com base em uma objetividade ideológica, impondo sua aceitação a partir de uma propaganda meticulosa. Nesse sentido, o seu combate, para “[...] além da luta política e dos meios puramente políticos, ele deve ser enfrentado no seu próprio terreno” (p. 76), não no sentido de uma “queda de braços”, isto é, luta de mentiras para combater mentiras, mas da convicção racional resistente, ou seja, o desafio negativo de elaborar o impossível, visto que se ainda não é, não significa que precisa permanecer no não-ser.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Aspectos do Novo Radicalismo de Direita*. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova com revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

³SAFATLE, Vladimir. *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



_____. *Teoria da Semiformação*. Tradução de Bruno Pucci, Claudia Barclos de Moura Abreu e Newton Ramos de Oliveira. In: PUCCI, Bruno, ZUIN, Antônio A. S., LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 07-40. (Coleção Educação Contemporânea).

BRECHT, Bertold. *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*. Tradução de Angelika E. Köhnke. In: BRECHT, Bertold. Teatro Completo – Vol 8. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.